

O TRÁFICO ILÍCITO DE ARMAS E A VIOLÊNCIA DE GÉNERO

A violência perpetrada com armas de fogo constitui um dos exemplos da relação existente entre violência sexuada em zonas e tempos de “paz” e de guerra.

O enfoque neste tipo de violência é apropriado e necessário por várias razões. Facilitado pela disseminação de armas de fogo resultante da sua portabilidade, acessibilidade, uso fácil e baixo custo, está associado a uma parte substancial da violência, insegurança e morbidade em todo o mundo, não só em zonas de guerra, mas também em contextos em paz, nomeadamente em países ditos “em desenvolvimento” ou “desenvolvidos” que são relativamente estáveis em termos políticos mas que contam com índices significativos de violência interpessoal, criminal e doméstica com recurso a armas de fogo.

Na verdade, e em termos gerais, a maioria das mortes e lesões causadas pelo uso de armas de fogo tem lugar em países não envolvidos em conflitos armados declarados. O caráter global da violência armada prende-se ainda com a sua dependência e articulação face a cenários de guerra, paz e pós-guerra por meio da produção, comércio legal e ilegal de drogas e de armas ligeiras e de pequeno porte que atravessa todos os cenários, bem como dos processos de militarização, assimetrias de poder de género e exclusão social presentes, com intensidades diferentes, nos variados contextos

A população civil é também a principal vítima de violência armada: estima-se que, todos os anos, entre 200 000 a 270 000 pessoas percam a vida vitimadas por armas de fogo em países formalmente em paz – cerca do dobro do número de mortes que resultaram de situações de guerra (Geneva Declaration, 2011).

Muitas mais são vítimas de ferimentos físicos e emocionais decorrentes deste tipo de violência em todo o mundo.

Países a emergir de conflitos armados, nomeadamente aqueles em que se vive uma situação caracterizada como “paz violenta”, estão, por vezes, entre as regiões mais afetadas pela violência armada.

Segundo um estudo que analisou trinta países em contexto de pós-guerra, nos primeiros cinco anos depois de uma guerra civil a taxa de homicídios tende a ser 25% superior ao normal.

De facto, o período que se segue à guerra não é necessariamente acompanhado por uma redução da violência, letal ou não, assistindo-se muitas vezes à manutenção de incidentes de violência armada criminal, social e política, influenciados por dinâmicas de economias de guerra.

Na maioria dos países em desenvolvimento, a combinação entre assimetrias sociais e económicas e altos níveis de desemprego, crescimento urbano não-planeado e fraca qualidade das infraestruturas urbanas e a impunidade generalizada deram origem a elevadas concentrações de violência em territórios urbanos circunscritos no interior de vastos cenários de paz institucionalizada, facilitadas pelo aumento da disponibilidade de armas de fogo e a sua não regulação.

Em cenários de não guerra caracterizados por níveis elevados de violência armada perpetrada por civis ou agentes estatais, bem como em contextos com menores índices de violência armada, a análise da relação entre as armas, as relações e construções de género e a segurança é frequentemente subestimada, mas esta relação é essencial e deve ser evidenciada nas suas diferentes vertentes.

Vários estudos sobre violência relacionada com armas de fogo, aliados a uma perspetiva de género, mostram que as armas têm um papel significativo na perpetração de violência contra mulheres também no espaço doméstico ou em espaços públicos.

Adicionalmente, mesmo quando as mulheres não são diretamente visadas pela violência armada, muitas vezes carregam o fardo dos seus impactos emocionais e socioeconómicos.

A ideia fundamental que queremos salientar é a seguinte: as ligações entre violência em cenários de não guerra ou paz formal e formas extremas de violência presentes em situações de guerra têm origem, em grande medida, mas não só, na prevalência de ideologias de género e tecnologias tais como armas de pequeno porte, que glorificam a agressão como uma expressão apropriada de poder e de proteção.

A violência armada e a posse e o uso de armas de fogo são, então, genericamente, um produto também de construções de género, que se apoiam na exacerbação da masculinidade hegemónica e militarizada, associada à familiaridade e ao fascínio pelas armas de fogo.

O abuso de mulheres e crianças oprimidas em tempos de paz é apenas uma manifestação menos intensa da violência de grande escala que emerge em tempos de guerra.

Como vimos, as formas de violência armada sexuada podem coexistir num país saído de uma guerra, em cenários atormentados com níveis significativamente elevados de violência armada (organizada ou não), nomeadamente em áreas urbanas, ou em países globalmente estáveis, com índices menos acentuados de violência armada, mas ainda assim afetados por esta violência na esfera pública e, mais frequentemente, na esfera privada.

Apesar do seu cariz local, a violência armada é um fenómeno global pela sua prevalência e pela dependência e conexão que mantém com cenários de guerra, paz e pós-guerra, onde o comércio legal e ilegal de drogas, armas ligeiras e de pequeno porte, militarização, assimetrias de poder de género e exclusão social são crescentes e exacerbados.

Assim, não pretendemos com este exemplo ocultar outras dimensões da violência, como faz a Resolução 1325, nomeadamente a importância da violência estrutural na manutenção da violência sexuada, tanto em tempos de guerra como de paz.

Conclusão

A proliferação das armas ligeiras e os números de mortes em países em situação de pós conflito e a correspondente dimensão de género deste fenómeno, obriga-nos a trabalhar arduamente na perspetiva da recuperação psicossocial do pós conflito e do trauma.

A proliferação das armas ligeiras é pois a continuação da conflitualidade. Para a recuperação psicossocial das sociedades é fundamental assentar o referente da conflitualidade nas vulnerabilidades individuais e tornar o indivíduo como referente principal da segurança e não o estado, uma vez que é na família, na vida e no quotidiano que se perpetuam as situações de violência e, também é aqui que se verificam as inseguranças individuais que tornam sociedades mais conflituais.

Neste seguimento, as mulheres são as mais vulneráveis por vários motivos, sejam eles pelo seu papel na vida privada e pela sua exposição à violência patriarcal.

Neste sentido, em situações pós conflito as armas de fogo desempenham um papel essencial para a pragmatização dessa violência.

TERMINADA A EXPOSIÇÃO SOBRE ESTE TEMA, GOSTARIA DE SALIENTAR ALGUNS PONTOS NO QUE SE REFERE AO CASO ESPECÍFICO DA GUINÉ BISSAU, ENQUANTO PAÍS JOVEM E SAÍDO DO CONFLITO MILITAR DE 1998.

1- Enquadramento das ações em curso :

- *Faz parte da Agenda do Conselho de Ministros da GB, "O Tratado de da Organização da Nações Unidas sobre o Comércio de Armas" adotado em NY em Abril 2013.
- *O quadro legislativo já discutido pelo Governo e está pendente a sua aprovação na ANP;
- *Existem estruturas nacionais para acompanhar o tema, importante para a estabilidade e paz social, com o apoio dos parceiros internacionais;

2- A Missão Especial Política da ONU (UNIOGBIS) mandatada pelo Conselho de Segurança em SALW (SMALL ARMS AND LIGHT WEAPONS) desde 1JAN10 até 2013; milhares de armas ligeiras recolhidas sem incidentes, incluindo em ações de parcerias comunitárias ex. Bairro Militar (que era até 2011 o mais perigoso do país e se tornou num bairro seguro depois da instalação da primeira esquadra modelo, assente em policiamento com a comunidade);

3- Legislação existente será atualizada, com mecanismos pragmáticos para controlo de armas de defesa pessoal, de caça, desporto e coleção; campanha de sensibilização para o registo será seguida de ações de aplicação da lei;

4- Caso especial armas na posse de militares, tanto no ativo quanto aposentados ou que abandonaram as FFAA; Policia Militar ocupar-se-á do controlo desses casos;

5- CEMGFA apoiado pelo UNIOGBIS lançou uma campanha de recolha de armas, mas é necessário continuar o programa e construir paíóis com condições para acondicionamento de armas e munições; os já projetos estão feitos;

6- Armas e munições distribuídas a população e que estavam guardadas/enterradas desde a última guerra civil (1998) , apesar de todos os esforços e todas as campanhas, ainda não estão totalmente controladas;

7- Foi feita uma cooperação com o Canadá em 2003, através de uma coordenação local, que permitiu criar na região de Bigene pequenas associações para mulheres, vítimas de conflitos armados e uso de pequenas armas.

8- Também foi feito um estudo de 2008 a 2009, com o financiamento da Cedeao, em colaboração com o Inep, instituto guineense, para sensibilização e divulgação das consequências nefastas das armas pequenas na sociedade.

9- Crime transnacional organizado é outro desafio, com tráfico de armas difícil de controlar devido fronteiras porosas e instituições frágeis e com recursos escassos;

10- A sujeição dos militares ao controlo civil é recente, com o novo CEMGFA, mas poderá não ser sustentável se não houver apoios para rejuvenescimento e republicanização das FFAA; desmobilização e reintegração sócio - económica será acompanhada de novos recrutamentos, de uma formação adequada e de certificação do pessoal existente; fundamental para estabilidade e viabilização da governação democrática;

11- Munições e minas foram desativadas, nos terrenos identificados, em conformidade com artigo 5 Convenção Otawa; porem, incidentes graves ocorreram em outras zonas, tendo o Governo da GB pedido ajuda para detetar e detonar engenhos em zonas de transito ou perto de aglomerados populacionais;

12- O Estado frágil da GB, com uma vasta Área marítima, com um território composto por um elevado número de ilhas, com uma grande diversidade étnica e linguística, torna-se numa das vitimas (placas giratórias) de fenómenos criminais internacionais e regionais, incluindo tráficos de droga, pessoas, mercadorias e armas, e muito receptivo a parcerias internacionais para fortalecer *inter alia* as suas estruturas de segurança, defesa e justiça, de acordo com padrões internacionais, fundamentais para o controle bem sucedido de SALW.